

ID: 119634819

16-10-2025

PORTUGAL MAIS 'LARANJA': NO PAÍS AUTÁRQUICO O BIPARTIDARISMO NÃO ACABOU

ANA CLARA*

Dados Nacionais Câmaras Municipais

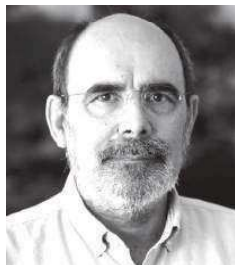
PSD (em coligação)	135
PS (em coligação)	128
Nós, Cidadãos	21
PCP / PEV	12
CDS - PP	7
Chega	3
JPP	1
Nós, Cidadãos / PPM	1

O PSD recuperou nas eleições autárquicas de 12 de Outubro a liderança da Associação Nacional de Municípios (ANMP) e a presidência da Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE), o que não acontecia desde 2009. No passado domingo, os portugueses escolheram 308 presidentes de câmara, 2.058 mandatos de vereação, 6.463 lugares em assembleias municipais e 3.259 presidentes de junta. Em muitos concelhos, a luta foi renhida e fez-se, taco a taco, quase até ao último voto, provando que o País autárquico é diferente do País que vota nas legislativas.

Entre vencedores e vencidos, o PSD recuperou a implantação local. Apesar de ter perdido importantes capitais de distrito para o PS (Coimbra, Viseu e Faro), venceu nas cinco maiores autarquias do País (Lisboa, Porto, Sintra, Vila Nova de Gaia e Cascais) e conquistou um total de 135 câmaras municipais, tornando-se o partido com mais força no poder local. O PS, que venceu em 128 câmaras, caiu nas mais importantes (Lisboa e Porto), mas segurou várias distritais. Vitórias que fizeram com que José Luís Carneiro, Secretário-Geral do PS, fizesse parecer que está (quase) tudo bem com os socialistas, sobretudo depois da hecatombe nas legislativas de Maio deste ano. Já o Chega ficou muito aquém do que esperava (30 câmaras foi a última fasquia colocada em cima da mesa durante a campanha). O partido de André Ventura conseguiu eleger três presidentes de câmara, no Entroncamento (distrito de Santarém), Albufeira (Faro) e São Vicente (Madeira). Apesar de crescer em termos absolutos (não detinha nenhuma câmara), estes resultados colocam-no atrás da CDU, que conseguiu 12, e do CDS-PP, que manteve as seis e mais uma em coligação com o PSD. Já o Bloco de Esquerda (BE) viu ainda mais reduzida a sua implantação autárquica, onde a honra do convento apenas se salvou em Lisboa, na coligação de esquerda liderada pela socialista Ale-

xandra Leitão.

No rescaldo das autárquicas, o "Campeão das Províncias" fez um balanço nacional destas eleições, em que a abstenção rondou os 40,74%. E são unânimes as opiniões: os que vaticinavam o fim do bipartidarismo no País autárquico ainda terão de esperar porque ele continua vivo e bem sedimentado.



José Adelino Maltez: "Tomara os partidos terem como activos no plano nacional os candidatos que apresentam nas autarquias"

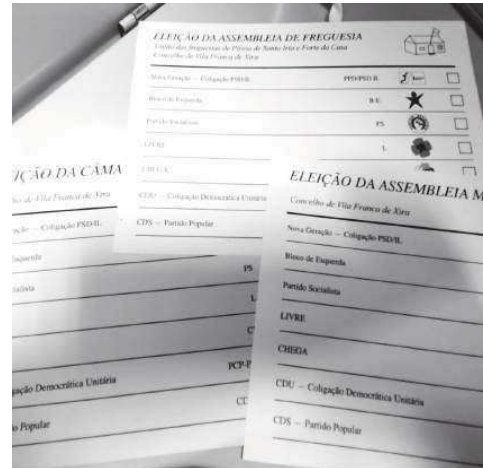
O politólogo José Adelino Maltez começa por dizer que "há 3.500 eleições, entre municípios e freguesias. Isto visto do lado de uma freguesia, não é propriamente folclore. É chama, é alma, é aquilo a que os espanhóis chamam de 'Patria Chica' (o lugar onde se nasce). Estamos a falar de uma alma que está colada a cada um dos portugueses, a cada emigrante e demorou muito a conquistar". Por essa razão, considera que as eleições autárquicas "são uma das conquistas de Abril de 1974, não existiam antes, nem na I República, nem na Monarquia Liberal, nem no Estado Novo (em que o que

havia era um Regedor, representante do Governo em cada terra)". "Tivemos duas novidades democráticas depois de Abril, e que não estavam previstas no programa do MFA: as eleições locais e as regionais. São as duas criações dos portugueses depois de Abril, por amor. É por isso que estas são as eleições mais democráticas de todas", explica.

"Os partidos são barrigas de aluguer dos interesses locais"

Ao contrário daqueles que andam sempre à procura de leituras nacionais, Adelino Maltez vinca: "os partidos são barrigas de aluguer dos interesses locais. As pessoas concorrem por um partido porque precisam dele para serem candidatos. Tomara os partidos terem como activos no plano nacional os candidatos que apresentam nas autarquias. Neste sentido, são as mais democráticas porque são as menos partidárias de todas as eleições. E a democracia sai sempre reforçada e regenera-se com eleições locais, sendo esmagador o amor que as pessoas ainda têm pelas suas comunidades".

O politólogo diz que não há dúvida de que o PSD venceu este acto eleitoral e que "Luís Montenegro percebeu como podia ganhar as eleições, mas na verdade o PS não perdeu, apesar de José Luís Carneiro ter herdado as escolhas autárquicas de Pedro Nuno Santos". Porém, "conseguiu marcar o ritmo do PS, que é um



partido de centro-esquerda. E é tudo menos uma derrota, porque mostrou que ainda existe como grande partido". "Tanto o PS como o PSD prestaram um bom serviço à democracia e às candidaturas locais e não é por acaso que têm esta osmose com o País profundo, porque o percorrem de norte a sul, das ilhas à raia com Espanha". Quanto ao BE, Maltez afirma que "tem agora um lugar marginal" e que o partido liderado por Mariana Mortágua "deixou de prestar um serviço útil em termos autárquicos. O Nós, Cidadãos teve melhores resultados que o Bloco, mas ninguém fala dele". Contudo, não vaticina ainda o seu desaparecimento. Tal como o do PCP, que está numa "atitude de resistência". "Não quis fazer coligações com ninguém, sabia o que queria e os resultados que ia ter. Mas preferiu ser autónomo e independente. O PCP ainda é um partido importante no sistema democrático português", assegura.

Já o Chega, uma incógnita nestas eleições, "levou uma lição do Povo", sustenta Adelino Maltez. "Subiu-lhe à cabeça os 60 deputados, e não percebeu que o que o eleito Lhe está a dizer é para 'morder nas canelas' do PS e PSD", afañça, lembrando que o partido de André Ventura "não tem estrutura para aguentar o papel que assumiu". Além disso, cometeu outros erros, como a "falta de máquina oleada e falhas comunicacionais por ausência de aparelho e isso paga-se".

É preciso cautela com leituras nacionais

Hugo Ferrinho Lopes, docente do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa e da Universidade do Minho, refere que "não se devem fazer leituras nacionais de eleições locais, embora os partidos o façam". E dá um exemplo: "é incomparável o peso do Chega a nível nacional e a implantação local, e isso deriva, entre outros factores, da personalização a nível local e do foco no líder". Recorda que, se olharmos para outros países, "vemos que houve partidos que, a nível nacional, não recuperaram o seu espaço, mas que a nível local mantiveram o seu poder. Em Portugal, há partidos que podem segurar câmaras municipais e ainda assim perder a nível nacional. Mas é claro que os partidos tentam, quando lhes é favorável, fazer leituras nacionais, e quando lhes é desfavorável, descartam-nas".



Hugo Ferrinho Lopes: "As autárquicas são eleições diferentes, mais personalizadas, mais dependentes da notoriedade dos candidatos"

Por essa razão, Hugo Ferrinho Lopes percebe que Luís Montenegro reclama

vitória, "ganhou mais Câmaras, venceu as maiores cinco autarquias, as duas principais capitais de distrito, conseguiu segurar Braga e recuperar Gaia e Sintra. Perdeu câmaras importantes, mas o PS ganhou terreno que ajudou a salvar-lhe a noite eleitoral (Viseu, Bragança, Coimbra, Faro e Castelo Branco). É elegante que o PS também diga que não foi muito derrotado até porque enfrentava dezenas de casos em limitação de mandatos".

Para o docente universitário, "não podemos extrapolar para o nível nacional porque o bipartidarismo pode acabar na Assembleia da República (e já aconteceu) e a nível local manter-se". Hugo Ferrinho Lopes sublinha que "as autárquicas são eleições diferentes, mais personalizadas, mais dependentes da notoriedade dos candidatos e notáveis locais, mas não deixam de ter importância para os partidos a nível nacional, além do simbolismo de vencer as câmaras, são fontes de recrutamento e empregam muitas pessoas".

Quanto ao Chega, Hugo Ferrinho Lopes considera que "falamos de um partido personalista" que vive "em torno da imagem do líder". "[André Ventura] começou por dizer que queria ter 70 câmaras, depois 30 e depois baixou as expectativas. Ganhou três, o que, do ponto de vista absoluto, é uma vitória. Mas se analisarmos de outro ângulo, as eleições também se baseiam na gestão de expectativas. E a verdade é que o Chega acaba com metade das Câmaras do CDS-PP (7) e muito abaixo da CDU (12).

Por fim, o docente universitário, realça que, com a limitação de mandatos, "se perde aquilo a que se chama 'A vantagem do Incumbente', estimada em 14 pontos percentuais. Quando há limitação, abre-se uma janela de oportunidade inigualável para a oposição ganhar o poder. E onde houve mais mudanças foi onde os presidentes não se podiam recandidatar. Esta realidade ajuda a ter renovação democrática e evitar uma perpetuação no poder. E isso é positivo", remata.

(* Jornalista do "Campeão" em Lisboa